
Exílios latino-americanos e solidariedade transnacional durante a Guerra Fria

*Maria Cláudia Badan Ribeiro**

*Mario Ayala***

Cuadernos de Historia. Serie economía y sociedad, N° 29, 2022, pp. 135 a 143



Na América Latina, o exílio, entendido como a exclusão de opositores das esferas públicas e do território nacional, foi um mecanismo central da vida política de diferentes países da região desde o período das guerras de independência e a consolidação dos Estados Nacionais no século XIX, até se converter em parte de sua cultura política.¹ Do mesmo modo, o asilo, como correlato do exílio, configura se como figura recorrente, primeiro como tradição e em seguida como instituição jurídica, oferecendo proteção internacional por razões políticas.²

As ditaduras que se instalaram no subcontinente durante a Guerra Fria e seus métodos de repressão massivos provocaram a exclusão e a perseguição de dezenas de

* Universidade Estadual de Campinas, Brasil. E-mail: mariaclaudia.badanribeiro@gmail.com

** Universidad Nacional de Tierra del Fuego. CONICET. E-mail: mhayala@untdf.edu.ar

¹ Sznadjer y Roniger, 2013.

² Ayala y Morales Muñoz, 2021.

milhares de opositores políticos e setores descontentes das esferas públicas e das políticas nacionais. Este fenómeno de massificação dos deslocamentos na região começou com o golpe na Guatemala no ano de 1954 e teve sequência com a ditadura de Fulgêncio Batista em Cuba, até se tornar um padrão a partir da década de 1960. Caracterizou-se pela diversificação do perfil dos solicitantes de proteção internacional de asilo frente à inédita situação dos Estados da região que se aproximaram do sistema universal de proteção de refugiados.³

No contexto da Guerra Fria Global, no decorrer das décadas de 1970 e 1980, os exilados da onda repressiva nos países do Cone Sul da América Latina tiveram a possibilidade de constituir redes transnacionais de ação política⁴ em parceria com outros exilados e organizações nos países de acolhimento, o que lhes permitiu reformular solidariedades e alianças internacionais a partir da defesa dos princípios internacionais de direitos humanos e da denúncia das ditaduras pela violação dos mesmos.⁵ Mas também descobriram que podiam dar continuidade à sua militância organizada no exterior, tanto na resistência e conspiração política contra o regime expulsor, ou como parte de redes transnacionais de solidariedade e cooperação a partir da participação orgânica ou individual em projetos revolucionários ou de libertação nacional, seja em suas etapas de luta armada ou de formação governamental. E de seus lugares de exílio no Ocidente ou em países socialistas, muitos destes exilados se inscreveram como militantes internacionalistas em missões de solidariedade técnica ou militar.⁶

Tais práticas de solidariedade transnacional foram motivadas pelo fato desses militantes internacionalistas se sentirem parte de uma nova comunidade imaginada revolucionária do Terceiro Mundo, como marco geográfico e político da ação militante durante as décadas de 1960-1980.⁷ Esta noção de Terceiro Mundo como comunidade imaginada surgiu no contexto da Guerra Fria e das lutas pelo poder global, influenciando a forma como as solidariedades regionais se configuraram.⁸

³ Ayala y Morales Muñoz, 2021.

⁴ Sznadjer & Roniger, 2013.

⁵ Roniger, 2014.

⁶ Ver Cortina Orero 2017 y 2020.

⁷ Palieraki, 2020.

⁸ Hatzky & Stites Mor, 2014: 128-129.

Como afirmam Christine Hatzky e Jessica Stites Mor,⁹ estimulados por movimentos anticoloniais emergentes na Ásia e África, partidos, movimentos de libertação nacional e movimentos sociais, bem como governos todos imaginaram uma revolução contra o colonialismo e o neo-imperialismo da Guerra Fria, e inventaram uma versão que mais tarde seria descrita como o “Sul Global”. Em outras palavras, motivados a resistir contra a opressão e a violência de Estado, pregando a revolução ou defendendo a afirmação da justiça e do direito à vida, esses movimentos ensejaram à formação de uma “cultura militante sem fronteiras” que se formou nesses anos, atravessando países e continentes, formando-se ou desfazendo-se em alguns momentos, para se solidificar em outros.¹⁰

Chamamos aqui o conjunto destas ações de interesse comum, ou interdependentes, de redes de solidariedade transnacionais que nasceram com características próprias a partir da segunda metade do século XX, em interação com o contexto internacional da Guerra Fria Global.¹¹ As redes de exilados interagiram com as redes de solidariedade transnacional global que se estabeleceram com os processos revolucionários e de libertação nacional e descolonização na América Latina e África, como Cuba, Argélia, Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Nicarágua ou El Salvador, para evocar os mais conhecidos.

Os exilados viram-se inseridos em múltiplas redes de relacionamento, em novos fluxos e circulação de ideias, objetos, instituições, criando uma nova voz na esfera internacional. Em outras palavras, o exílio provocou uma reconfiguração das dinâmicas de poder, de autoridade e de solidariedade social, unindo militantes de variadas nacionalidades em diferentes modalidades de ação política no cenário transnacional.

Com respeito à perspectiva transnacional, ela se apresenta como um enfoque válido diante de objetos de investigação que, por sua própria natureza, dão conta de processos, redes e fenômenos que ultrapassam as fronteiras do Estado-Nação com a intenção de influir na política de um país, ou grupo de países, e/ou nas instituições internacionais. No caso das análises das ações políticas de grupos, organizações e

⁹ Hatzky & Stites Mor, 2014: 128-129.

¹⁰ Badan Ribeiro, 2017.

¹¹ Roniger, 2010.

redes em âmbito transnacional, demonstram que suas conexões, intercâmbios e interações realizados fora do país – ou região – de origem, geralmente pretendem reforçar posições de atores em disputa e lutas no interior de uma nação, como sugeriu Bárbara Weinstein.¹²

Por outro lado, não foi sem contradição que as redes de solidariedade transnacionais funcionaram quando existiram em seu interior igualmente conflitos e quando o discurso revolucionário latino-americano encontrou dificuldade de persuasão das esferas internacionais comprometidas. O exílio igualmente não fazia parte do projeto político desta geração, e a ele foi dado um novo sentido, tornando-se um espaço de legitimação de novas identidades, ou do reforço de outras. Para além da “ajuda emergencial”, os exilados buscavam a sobrevivência política e a legitimidade de suas lutas travadas na América Latina. Em outras circunstâncias, tratou-se de transformar o exílio/desterro em uma arena estratégica para a militância. Como afirmou Roniger, *“o exílio pode ser construído através da comunidade de exilados ou mediante a luta pelo regresso. Mas, pode também ser expressão de uma forma de combate, quando utilizada de maneira tática, frente às restrições impostas em solo pátrio e como resposta aos mecanismos de exclusão política”*.¹³

O que aqui se propõe é mostrar como esta oposição latino-americana criou mecanismos de atuação fora de seus países de origem, tanto como força estruturada no exílio¹⁴ quanto aquela feita também por grupos irregulares que se deslocavam paralelamente ao sabor dos jogos de relações estabelecidas. Nesta chave, um dos propósitos deste dossiê é o de proceder a um inventário das estratégias e experiências comuns de solidariedade transnacional vividas por uma cultura política específica, e marcada por regimes de força, ditaduras militares, dominações e ou colonizações em que o elemento principal e aglutinador não foi apenas uma solidariedade de caráter político, pois a ela foram agregadas outras formas de luta e do agir político.¹⁵

A solidariedade internacional governamental em termos de asilo, refúgio e apoio político é outro fenômeno que este dossiê aborda. Diversos governos, organismos internacionais – como o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) – organizações religiosas e não governamentais também se mobilizaram

¹² Weinstein, 2013.

¹³ Roniger, 2011: 41.

¹⁴ Napolitano, 2014: 48.

¹⁵ Tarrow, 2004:24.

para apoiar a saída e o refúgio destes exilados. Nos países latino-americanos receptores de exilados, tais como México, Venezuela, Peru, Costa Rica e Cuba, esteve em jogo “*o entorno político e institucional dos países de acolhimento que, concedendo asilo à luz do espírito da fraternidade latino-americana, almejavam ou foram pressionados a controlar as atividades políticas dos exilados*”.¹⁶ Nos países do campo socialista também se detectaram estas tensões entre o refúgio, a solidariedade, a vigilância, o controle e os condicionamentos das atividades políticas de oposição e resistência.

Em outras palavras, propomos pensar que, se por um lado as experiências de desterro e exílio deixaram uma marca dolorosa, elas representaram, todavia, um momento fundamental no processo de construção de conexões transnacionais, desenhando novos mapas de engajamento no exterior e favorecendo complexas redes de diálogos e intercâmbios entre as correntes revolucionárias e seus países de acolhida. As contribuições reunidas neste dossiê ofertam ao leitor uma reflexão crítica sobre as relações estabelecidas entre o movimento revolucionário latino-americano e outras regiões do mundo, em países que favoreceram a luta revolucionária e serviram de proteção aos exilados e perseguidos políticos, transformando-se, dessa maneira, em espaços crescentes de denúncia contra a violação dos direitos humanos.

No primeiro artigo, “Solidaridad democrática en Guerra Fria: o caso de la política de asilo diplomático de Uruguay en Cuba durante la ditadura de Fulgencio Batista (1957-1958)”, Roberto Garcia Ferreira e Mario Ayala analisam a política e prática do asilo diplomático aplicado pelo Uruguai em Cuba entre 1957 e 1958, durante o período insurrecional da oposição democrática cubana e a massiva repressão ditatorial com que foi enfrentada. Constitui-se numa pesquisa que enriquece a análise da solidariedade transnacional sob o prisma da política diplomática independente – no caso a uruguaia – lançando luz sobre o papel neste processo da denominada “agência dos atores”, no que se refere às escolhas e estratégias adotadas pelo embaixador uruguaio em Cuba.

O segundo artigo de Débora Strieder Kreuz, “Ser exilada na Argélia: reflexões a partir das memórias de três mulheres brasileiras (1969-1979)”, constitui-se num texto

¹⁶ Sznajder, 2011: 83.

inédito na historiografia brasileira ao tratar das mulheres exiladas na Argélia e sua inserção no mundo do trabalho neste país, introduzindo o componente gênero no exílio e abrindo um campo de estudos sobre o feminismo e seus limites em sociedades de tradição muçulmana.

O terceiro trabalho, de Maria Cláudia Badan Ribeiro, “Os exilados brasileiros na Europa e o debate sobre um Tribunal Russell para o Brasil”, discute a criação do segundo tribunal Bertrand Russell para o Brasil. O texto ressalta a existência de um tribunal que aliou a reivindicação político-revolucionária e de libertação nacional à defesa humanitária articulando diferentes correntes políticas em torno de uma unidade de ação comum. O trabalho é chave para discutir e matizar as hipóteses de outros trabalhos que ressaltam a conversão global de uma lógica revolucionária a uma lógica humanitária. Em resumo, o texto mostra a política de denúncia humanitária como uma forma de solidariedade política em apoio à luta anti-imperialista e antifascista na última parte da Guerra Fria.

No quarto texto, “Intelectuais: passados traumáticos e experiências do exílio”, Claudia Wasserman se debruça sobre o papel desempenhado por intelectuais brasileiros, chilenos e argentinos durante o processo de transição política na segunda metade dos anos de 1980; quando abrigados em universidades ou institutos de pesquisa, esses atores participaram ativamente da resistência publicando revistas, realizando debates e contribuindo para o retorno à democracia. O trabalho destaca a ampla circulação de produções intelectuais e de fluxo de saberes no espaço transnacional e discute o papel dessas redes de intelectuais de esquerda latino-americanas na busca de uma nova identidade política, inserindo-se como uma nova força no processo de transição política em seus respectivos países.

Segue-se “A revista de exílio Chile-América e as redes de denúncia da violência política da ditadura militar chilena (1974-1983)”, de Raphael Coelho Neto, que trata da participação da revista *Chile-América* nas redes transnacionais de direitos humanos procedendo à denúncia do terror de estado chileno. Com sede em Roma e integrada por membros da Democracia Cristã, MAPU e Esquerda Cristã, a revista desempenhou significativo papel de denúncia e informação no exílio, permanecendo ativa de 1974 a 1983 atuando junto a quadros políticos progressistas italianos, como também no âmbito de organizações humanitárias nacionais e internacionais.

No sexto trabalho, “Vivir en la Rumania de Ceausescu. La singularidad del exilio chileno en el socialismo real. Vínculos, adaptaciones y visiones críticas”, Pedro Valdés Navarro pesquisa a experiência dos exilados chilenos que se refugiaram na Romênia após o golpe de setembro de 1973. Seu objetivo é conhecer as experiências de vida de um grupo de jovens exilados naquele país do socialismo real, para compreender como se deu a recepção do sistema de solidariedade estatal do regime dirigido por Nicolau Ceausescu.

Encerra o dossiê o artigo de Moira Cristiá e Fernando Camacho Padilla, “Del ímpetu revolucionario a la defensa de los derechos humanos. Trayectorias militantes entre Europa y el Cono Sur durante la Guerra Fría (1966-1990)”, em que discute a ampla radicalização política do final dos anos 1960 e a alteração do discurso político radical, centrando-se – em duplo sentido – na trajetória de militantes latino-americanos que se politizaram na Europa e de europeus que se radicalizaram no Cone Sul sob as ditaduras militares. Utilizando como marco temporal a morte do líder Che Guevara ao fim da ditadura chilena, os autores demonstram como ocorreu a reconversão militante de figuras emblemáticas no período, produto do contexto global marcado pelos acontecimentos da Guerra Fria.

BIBLIOGRAFÍA

- Ayala M., & Muñoz, D. M., 2021, "Presentación del Dossier: Políticas de asilo y refugio en la historia de América Latina y el Caribe (siglos XIX-XXI)", *Historia Regional*, (45), 1-7. <http://historiaregional.org/ojs/index.php/historiaregional/article/view/563>
- Cortina Orero, E., 2017, "Internacionalismo y Revolución Sandinista: proyecciones militantes y reformulaciones orgánicas en la izquierda revolucionaria argentina", *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, 28, 2 (Dec): pp. 80-103.
- Cortina Orero, E., 2020, "Brigada Sanitaria Adriana Haidar: solidaridad técnica montonera con la revolución sandinista", *Secuencia*, 108: pp. 1-27.
- Hatzky, C., & Stites Mor, J., 2014, "Latin American Transnational Solidarities: Contexts and Critical Research Paradigms", *Journal of Iberian and Latin American Research*, 20:2, pp. 128-129.
- Napolitano, M. 2014, "No exílio, contra o isolamento: intelectuais comunistas, frentismo e a questão democrática nos anos 1970", en *Estudos Avançados*, Vol. 28, núm. 80, pp. 41 a 58.
- Palieraki, E., 2020, "Chile, Algeria, and the Third World in the 1960s and 1970s Revolutions Entangled", en Field, Thomas C. Jr, Stella Krepp, Vanni Pettinà et al. *Latin America and the Global Cold War*, The University of North Carolina Press, Carolina, pp. 274 a 300.
- Ribeiro, M. C. B., 2017, "Exílio Político Brasileiro e as Redes Revolucionárias Transnacionais (1964-1985)" en *XVI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Facultad Humanidades. Exilios políticos massivos em Europa y Latinoamérica en el Siglo XX: dimensiones comparadas y regionales*. Universidad Nacional de Mar del Plata, Mar del Plata. Disponible en <https://www.aacademica.org/000-019/46>. [Consulta: 26 de junio 2021].
- Roniger, L., 2014, *Destierro y Exilio en América Latina: nuevos estudios y avances teóricos*, EUDEBA, Buenos Aires.
- Roniger, L., 2011, "Destierro y exilio en América Latina: Un campo de estudio transnacional e histórico en expansión", *Pacarina del Sur*, 1.
- Roniger, L. 2011, "Reflexões sobre o Exílio como tema de investigação: avanços teóricos e desafios" en Quadrat, S. (dir.) *Caminhos Cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX*, Editora FGV, Rio de Janeiro, pp. 31 a 61.
- Roniger, L., 2010, "Exílio massivo, inclusão e exclusão política no século XX. Dados - Revista de Ciências Sociais, Vol. 53, núm. 01, pp. 91 a 123, Rio de Janeiro. Disponible en <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=21817694004> [Consulta 21 de Junio de 2021].
- Sznajder, M., 2011, "Os exílios latino-americanos" en Quadrat, S. (dir.) *Caminhos Cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX*, Editora FGV, Rio de Janeiro, pp. 85 a 90.
- Sznadjer, M., & Roniger, L., 2013, *La política del destierro y el exilio en América Latina*, Fondo de Cultura Económica, México.
- Tarrow, S. 2004, *El poder en movimiento. Los movimientos sociales, la acción colectiva y la política*, Alianza, Madrid.

Weinstein, B., 2013, “Pensando la historia más allá de la nación: la historiografía de América Latina y la perspectiva transnacional”, en: *Aletheia*, volumen 3, núm. 6, Universidad Nacional de La Plata.